

CONTOS POPULARES DO PAÚL¹

Popular Tails of Paul

Jorge Gouveia²



Palavras-chave: Paúl - Covilhã, contos populares, tradição oral

¹ Este texto corresponde a uma recolha efectuada pelo autor junto de uma familiar que tinha o dom de prender as crianças com a magia que colocava no acto de contar. A fotografia da capa reproduz um azulejo existente num chafariz à entrada do Paúl.

² Professor no Agrupamento de Escolas de Vila Velha de Ródão, membro dirigente da Associação de Estudos do Alto Tejo.

Resumo

Neste texto apresenta-se uma colectânea de contos e outros registos de tradição oral, recolhidos pelo autor na localidade de Paúl, concelho de Covilhã, junto de uma informante sua tia, entretanto falecida.

Abstract

On this text we present an anthology of tails and other records of oral tradition, assembled by the author on Paúl, a small village near Covilhã, close by his aunt, meanwhile deceased.

Índice

Introdução.....	4
Os Contos.....	6
Chibo para São Roque.....	6
O Cristo de sola.....	6
O salvamento.....	7
A pedra do moinho.....	8
A ceifa	9
A visita do bispo.....	10
Joquim Tintin.....	10
Gambuzinos.....	11
Figos orvalhados.....	11
A caminho do Fundão.....	13
O cabrito do diabo.....	13
O medo do Pisão.....	14
O medo das Tapadas.....	15
Os cães do Paulo Ferreira.....	15
O lobo na Pousia.....	16
O Diamante.....	17
O lobo na Pedra da Sola.....	17
O Diamante e os bois.....	18
A cobra e o soldado.....	19
Touro azul.....	19
Domingos Orelhas.....	22
Os compadres almocreves.....	23
O púcaro.....	24
Odre sem barça.....	24
João Soldado.....	25
Falsidade.....	28

CONTOS POPULARES DO PAÚL, Jorge Gouveia

O beijo na burra.....	29
Carne todos os dias.....	31
O leão, o lobo, a águia e a formiga.....	36
O pífaro encantado.....	42
Bicho estranho.....	44
O que diz a letra.....	45
Figo no cú.....	45
Bibliografia.....	46

Introdução

O Paúl, freguesia do concelho da Covilhã, distrito de Castelo Branco, está situado na margem esquerda da Ribeira de Caia, afluente do Rio Zezere, a cujas águas deve a fertilidade dos seus campos agrícolas, férteis em milho, batata e azeite. O Paúl foi considerado um dos mais importantes centros agrícolas e pecuários da Beira Baixa com trigais e terras centeeiras, viçosas hortas de pluricultivo, lameiros sem conta rodeando os cursos de água que alimentavam rebanhos de gado caprino e lanígero.

Com tradição industrial, na freguesia trabalharam mais de uma centena de teares manuais que abasteciam as fábricas da Covilhã e da vila do Tortosendo e onde se teciam as mantas regionais de ourelos e estamenhas. Aqui se fiava o linho e a lã, se urdia, tecia e ultimava o burel do qual se vestiam. Como exemplo desta prática ficaram os diversos utensílios usados nessas artes, hoje acondicionados na Casa Museu e resta a toponímia do sítio chamado "Pisão". Também dos mais de meia centena de moinhos hidráulicos de moer cereais, pouco resta.

Mantém o Paúl as velhas usanças, lendas e tradições, que se vão transmitindo às novas gerações, sem que o tempo consiga alterar o seu cunho primitivo e pitoresco. Destacam-se as tradições da Procissão dos Penitentes; da Santa Bebianana e o notável folclore interpretado por grupos de danças e cantares, e reinventado por notáveis intérpretes, onde nas suas canções populares predominam os motivos do trabalho, ora alegres e tocadas de leves ironias, ora impregnadas de sentimento e lirismo.

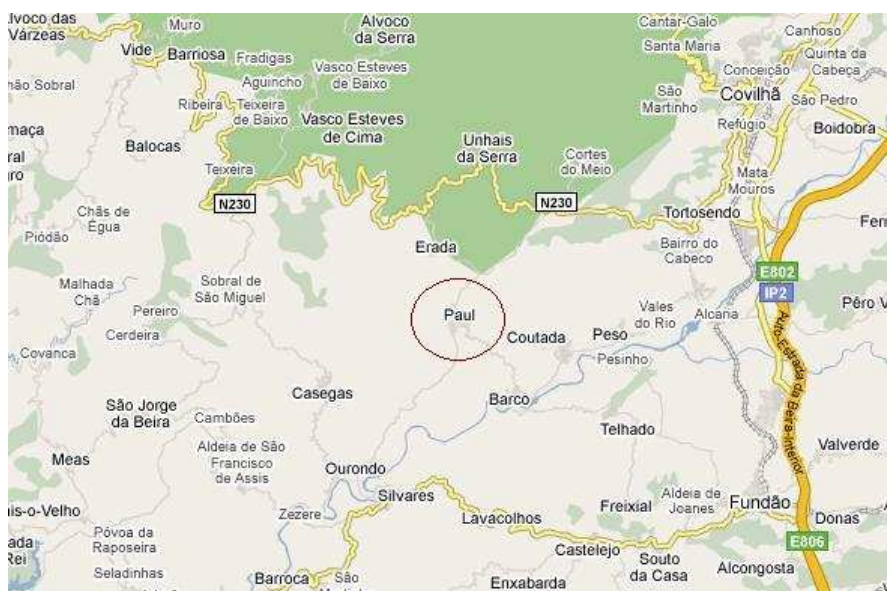


Figura 2. Localização do Paúl (fonte: Google Maps)

A totalidade dos contos que neste trabalho se apresentam foi recolhida nos anos de 1990 e 1991, junto de uma única informante, Maria José Gouveia Sardinha (Zita), minha tia, analfabeta e que os ouvira contar, na sua maioria, à sua avó Madalena.

Grande parte destas histórias foram ouvidas pela informante enquanto criança, quando estava a encher canelas para o tear onde o seu tio Francisco tecia os cortes destinados às fábricas de lanifícios da Covilhã. Nesta longas jornadas de trabalho monótono e repetitivo, no qual as crianças colaboravam durante todo o ano, para ganhar uns magros vinte e cinco tostões para a festa da Nossa Senhora das Dores, diziam-se orações, contavam-se histórias e versejava-se, sobre as mais diferentes temáticas.

Contava-se também ao serão, ao lume, enquanto as brasas se mantinham vivas e aqueciam os resistentes, nas longas noites do Outono e Inverno. Foi neste contexto que a informante adquiriu o gosto pelo contar e acumulou um saber que mais tarde transmitiu ao autor deste texto prendendo-o horas a fio junto à cama onde a informante, que padecia de doença crónica, passava invariavelmente os seus dias.

Eram horas onde o prazer se aliava ao medo e onde se bebiam as palavras e se sonhava.

As temáticas abordadas nesta colectânea são múltiplas e entre elas cruzam-se as histórias aprendidas a partir de alguns livros escolares, algumas retidas da literatura de cordel trazida até estes meios por ocasião das feiras, mas também registos que apresentam uma forte vinculação ao meio natural, especialmente às serranias que rodeiam a freguesia e a práticas agrícolas e pastoris das gentes desta comunidade.

Para reforçar e dar credibilidade às suas narrativas utilizava frequentemente referência a lugares, e protagonistas vivos ou mortos.

Terras de montanha, as histórias de lobos encontram um espaço importante na realidade destas gentes que com eles conviviam, quando estes animais desciam até próximo da povoação à procura de alimento nos inúmeros rebanhos que por aqui invernavam.

Associado ao lobo surgem normalmente as figuras dos cães da serra, valentes e fiéis animais, que cumprem a sua função de protecção do homem e animais, até com o risco da própria vida.

Assim, o lobo surge nestas terras como o inimigo mítico sobre o qual poucas certezas existem, mas que atemoriza as pessoas e delas exige atenção permanente.

A figura do diabo para estas gentes está igualmente presente com regularidade notável apresentando-se no meio dos homens ao ponto de se contarem histórias tidas por verdadeiras nas quais o homem se vê envolvido.

Outro aspecto que ressalta desta colectânea é da manifestação de uma superioridade que as gentes do Paúl, talvez fruto da riqueza e abundância das suas terras e de rivalidades ancestrais, manifestam face às comunidades vizinhas: as pessoas das Cortes que iam à missa ao Paúl por não ter padre, o Barco, terra vizinha mas em certa medida desprezada, os da Erada que “não valem nada”...

Nota-se neste conjunto de histórias a intenção de ridicularizar pessoas de outras localidades dando a entender que a terra do contador é a melhor das redondezas.

O objectivo desta recolha foi o de preservar a memória colectiva que a informante possuía e dar um contributo para o conhecimento da tradição oral daquela localidade, já de si muito rica, mas da qual não se conhece nenhuma colectânea organizada.

Os contos foram recolhidos com recurso a um gravador e posteriormente transcritos pelo responsável pela recolha. Houve a preocupação em manter as marcas de oralidade bem vivas no discurso escrito, sem correcções ortográficas nem semânticas.

Os títulos das histórias foram atribuídos, na sua quase totalidade, pelo responsável por este registo escrito.

Os Contos

Chibo para São Roque

Era um pastor que tinha, assim o gado, e prometeu a São Roque que se tudo lhe corresse bem durante o ano, criava um chibo qu'havia d' oferecer ao santo. Ao fim do ano foi à capela e disse:

- São Roque, aqui tens o chibo que te prometi!

O santo não respondeu.

- Estás a olhar para ele, achas-o pequeno? Bem, lev'-to mai um ano p'r'ó gado.

Tornou-o a levar p'r'ó gado e no outro ano, já era um ch'barro, tornou lá a ir.

- São Roque, aqui tens o chibo que te prometi... Tás a achá-lo pequeno? Eu p'ra casa já o não levo!

O São Roque 'tava em cima do andor, assim ao cima da romaria, e ele agarrou, atou o chibo à perna do andor. O chibo enquanto esteve o dono, estava sossegado, mas quando viu abalar o dono, berrava quê sei lá.

Ele era forte. Puxou, avintou c'o santo de cravelas pelo gestal abaixo. O pastor era atão assim:

- Ah São Roque, agarra-te a essas gestas que nem pra ti prestas.

O Cristo de sola

Uma vez os das Cortes vinham aqui à missa ao Paúl. Mas tinham que vir em jejum até que fossem c'mungar. Mas um, quando vinham no meio do caminho, disse assim p'r'ós outros:

- Éh pá, tu inda vás em jejum?

- Pois vou, atão num id'ir im jejum?

- Olha, eu já enchi a barriga, já comi uma malga de caldudo.

- Ai vás c'mungar e foste comer a malga do caldudo?

Depois agarrou, o outro, e foi dizer ao senhor prior:

- Olhe qu'aquele meu colega, não lhe dei-a a c'munhão, olhe qu' ele já comeu uma malga de caldudo.

- Vou arranjar uma hóstia de sola, emborralhá-la na farinha e dou-lha.

Deu-lhe um rodelo de sola. Deu-lhe a hóstia p'rá boca, ele rilhou, rilhou e num foi capaz da comer. Quando lá iam a chegar ó Orondinho, diz ele assim p'r'ós outros:

- Éh pá! vós já relhastes o vosso Cristo?

- Atão num já! engoliram's-o logo lá, quando c'mungaram's.

- Eu num sei que Cristo o padre me deu que eu não sou capaz do relhar.

Eles sabiam o que tinham feito e foi assim:

- Atão tira-o lá!

Forem-no tirar.

- Atão tu num vês qu'é um rodelo de sola!

Ele então pôs-o lá, em cima de uma pedra, e ficou lá toda a vida a Pedra da Sola.

Mas isto foi mesmo real.³

O salvamento

Outra vez vierem - eles erem burros e erem inteligentes - assim, outra vez à missa. Chegarem assim ali, em cima da ponte, deborcarem-se assim de cima da ponte - vês qu'ma pessoa 'stende assim por cima, a nossa cara faz reflexe na água - e puserem-se assim:

- Ah! olha além um no fundo da água!

- E como é que nós o lá i-mos d' ir a tirar?

Diz o outro assim:

- Olha, já tenho uma ideia. Sabes como é que lá i-mos d'ir? Eu agora ... aquilo, ditou-se assim da ponte pra baixa, c'as mãos agarradas às grades, agora vós indes por mim abaixo e agarrais-vos

³ Efectivamente, quando nos deslocamos da localidade de Cortes, no sentido do Paúl, há um local cujo topónimo se designa Pedra da Sola.

às minhas pernas, depois vai outro por aí abaixo e agarra-se às pernas do outro, até chegarmos à água e ódepois o que já conseguir, arrepela-o da água pra fora.

Depois, quando já iam a chegar à água, ora o peso era muito, o do cimo já num podia suportar, diz assim:

- Éh pá, segurai-vos qu'eu quero cuspir das mãos!

Ele vai cuspir nas mãos, catrapuz, caírem todos c'os cornos do meio da água.

Passou lá um do Paúl e viu aquele preparo e perguntou:

- Atão o qué q'se passa aí?

- Ai vierames a salvar um que 'stava na água e agora estamos aqui enrolados e nem sabem' s de quem são as pernas uns dos otros.

- Eu se me derem um presunte eu resolve isso.

- Dames pois!

Ele vai buscar um pau e toca a bater:

- Ai estas são minhas! Atão tira e assim foi .

Eles erem boas pessoas mas o fim eram burres.

A pedra do moinho

Diz que lá nas Cortes tinham lá um mu'nho, mas quando o queriam pôr de quêdo num sabiem com' haviam de tapar a cal.

Puseram-se ós dias. Um dia, ías lá tu tapar a cal c'o teu cú, outro dia ía eu, outro dia ía otre, até qu'houve um dia que coube ao padre e calhou ó dia de domingo.

Os do Paúl forem lá e disserem-lhe assim:

- Atão a qu'horas cá é a missa?

- Ai ó senhor, hoje não há cá missa!

- Atão porquê?

- Está o senhor prior a tapar a cal c'o cú. Hoje num temos missa.

- Ai, num me diga qu'o senhor prior qu'é precise ir a tapar a cal c'o cú!

- Poi é sim senhor.

- Olhe lá, quant'é que dão a quem lh'arranje uma ideia, p'ra toda a vida num ser precisa ir já ninguém lá a fazer esse serviço?

- Oh senhores, peçam tudo aquilo que vocês quiserem que nós damos-lhe.

- Atão olhe, vão-me lá buscar um presunto qu'eu vou-le tapar a cal co presunto, e lá fica o presunto e já escusem de lá 'star.

Forem-lhe atão buscar o presunto.

- Mas vocês num venhem comigo, eu lá vou arranjar. Agarrou numa lage, tapou a cal c'a lage. Ficou tapada, bem, inda ficou p'ra toda a vida.

Ele depois agarrou no presunto, meteu-o num saco e abalou. Já nim foi à missa.

A ceifa

Outra vez andavam a c'ifar o pão c'ma navalha. Passarem lá os do Paúl. Foi assim:

- Atão qu'andem vocês a fazer?

- Andemos c'a nossa cê'fa!

- Atão e a c'ifar uma cefa tão grande só c'ma navalha? Atão andem aqui toda a vida!

- Atão c'm'é qu'a i-mos de c'ifar?

- Olhe, eu tenho lá um bichinhe, se cá chegasse, num dia c'ifava iste tude.

- Ai, peça-nos o dinhere que você quesser que nós cumprem's-lhe esse bichinhe.

Era uma fouce, ele começou a cifar c'a fouce, zumba, zumba, zumba, aquile era um desembarace.

Mas eles que nunca tinham c'ifado c'a fouce! ele lá lhe pediu o dinhere que quis, e eles cumprarem-lhe a fouce e o do Paúl abalou. Quando andavam a c'ifar, um cortou-se e diz assim:

- Ai que já me desgraçou, atão o biche já me comeu o meu dede!

Avintou com ele; apois pôs-se assim a d'zer:

- Atão mas eu gastei tante dinhere e agora ide ficar sem ele, e s'o biche me torna a morder?

Andavam atão de roda da fouce:

- Bichinhe, bichinhe, bichinhe. A fouce num ia ter ó pé deles, o qu'é qu'ele faz, atira-lhe c'uma pedra, a pedra caíu na ponta da fouce, a fouce saltou e foi-lhe cortar o nariz. Deixarem lá a fouce e portarem todos a fugir, qu'ainda hoje lá vão.

A visita do Bispo

Outra vez levarem lá o senhor bispe, eles falavam mal c'mos burres, mas escolherem lá um p'ra falarem p'ó senhor bispe.

- Tal dia vem cá o senhor bispe, tu és o que sabes falar melhor, tu é que vás falar p'r'ó senhor bispe.

Arranjarem-lhe uma dorna de leite, andaram a juntar o leite dos pastores todes e arranjarem-lhe uma dorna de leite. Quando lá chegarem é qu'era assim o outre, o outre que falava bem:

- Senhor bispinhe, senhor bisporre, como está, passou bem?

O senhor bispinhe, ia a cavale num cavale e o cavale pôs-lhe a pata de cima do pé dele.

- Oh senhor bispinhe, demora-se muito?

- Porquê meu rapaz?

- Está o senhor sê cavale c'ma mão em cima d'ma pata minha.

Era atão os outros:

- Fala, fala, fala, tu é que sabes c'm'é qu'se fala. Diz o senhor bispe:

- Olhe lá, vocês num têm cá uma casa de banhe?

- Ai, temos, temos senhor bispinhe - já tinham cumbinade, fizeram um buraque lá no s'brade e um pôs-se pro baixe, c'um bocade d'algodão em rama. Quande o senhor bispinhe fosse à casa de banhe p'ra l'alimpar o rabe pro baixe.

- Olhe senhor bispinhe, temos cá uma casa de banho munte boa, nim é precise o senhor bispinhe abaixar-se àlimpar-se, temos logue quim no alimpe pro baixe.

Joquim Tintin

Havia um homem que só tinha uma perna, chamavam-no Joquim Tintin e vivia no Casal, lá c'um patrão. Para chamar patroa era senhora minha ama. Pois p'la quaresma dixе-lhe a patroa:

- Oh Joquim, estão lá os confessores, tens que t'ir a confessar.

- Pois vou, senhora minha ama.

- Olha, tens qu'ir a casa do regedor, qu'era sapatere, p'ra te compôr as botas qu'é uma vergonha ires-te confessar c'as botas todas descosidas.

Chegou lá e dixе o qu'ia fazer. Diz-lhe atão o sapatere:

- Oh Joquim, olha que tu não te vás confessar porque num há lá confessores.

- Atão porquê?
- O senhor prior teve esta noite uma menina.
- Ah, teve? Atão já num me pode confessar.
- Não.

Depois de noite, ele d'zia que não tinha mede d'andar de noite, o qu'é que le f'zerem lá p'r'ó pé das Carvas: esconderem-se lá no meie d'umas oliveiras e começarem assim a fazer barulho, p'ra ele ter mede, porque ele vinha pra cá e era capaz de por cá andar toda a noite e num tinha mede.

Ele atão até batia co'as patas no cú a fugir.

- Oh senhora Carolina minha ama, áquilo do ti Zé da Gata há lá cosa qualquer cosa, trelin tintin. Ficou toda a vida o Joquim Tintin.

Gambuzinos

Outra vez o que é que eles le f'zerem:

- O Joquim, esta noite há-de ir ós gambuzines!

Puserem-no toda a noite lá no fundo duma cal cum saco a aparar os gambuzines.

- Tu ficas aqui a aparar os gambuzines e nós vames aqui plá levada acima a enxotá-los.

Coitadinho lá ficou toda a noite a aparar o saco, noite de Inverno, e eles forem meter-se na cama e o povre ali 'steve toda a noite. Quando foi de manhã:

-Atão ó Joquim já encheste o saco de gambuzines?

- Ó, num veie cá ter nenhum.

- Nós impurraramos pra cá tantes e num veie cá ter nenhum?

Figos orvalhados

Um homem do Barco veio-se casar c'uma rapariga do Paúl e encheu a barriga de figos orvalhades. Quande foi à noite foi prá cama. Atão mas ele parava na cama!?

la-se a ditar, começava:

-Ai, ai, ai quere cagar!

Como ele 'stava mal desposto dixeu a mulher lá p'r'ó padrinho - sabia que ele é que tinha tido a

culpa dele ter comido os figos orvalhados :

- Oh senhor meu padrinho, num se vá embora qu'o seu afilhado 'stá tão mal. Custa-me cá ficar sózinha em casa com ele; fique prá aí. E lá lhe arranjou uma cama.

Ao fim d'um bocade começou ele:

- Ai, ai, ai, quere cagar!

- Olha, vai cagar ó chapéu do padrinhe.

Encheu-lhe o chapéu.

Voltou prá cama, mas começou:

- Ai, ai, ai, quere cagar!

-Vai cagar às botas do padrinhe.

Á-se a d'itar outra vez!

- Ai, ai, ai, quere cagar!

- Vai cagar à caldera!

Encheu uma caldera.

Tornou-se a ir a ditar.

- Ai, ai, ai, quere cagar!

- Vai cagar ò borralho.

Encheu tude.

Quande foi à madrugada al'viou mai um pouque.

- Oh senhora minha afilhada, atão o senhor meu afilhado está melhorzinhe?

- Olhe, senhor meu padrinhe, agora está um bocadinhe mai al'viade!

- Atão já me posse ir embora?

- Ai, já.

Vai-se a calçar, conforme meteu os pés, ficou atulhado de porcaria até òs ijoelhos.

- Ca raie, tanta merda!

Vai a pôr o chapéu na cabeça, borrou-se tode por aí abaixo.

- Oh senhora minha afilhada, tanta merda qu'aqui há nesta casa!

- Ai senhor mê padrinhe, ai!... Vá esgravatar no borrarhe, eu num sê dos forfes, qu'há-de lá haver brasas, veja s'acende a candeia e vá-se lavar.

Foi lá esgravatar, borrou as mãos todas.

- Olhe em tal sitie, está lá uma caldera e vá-se lavar.

Vai-s'a lavar, ficou atulhade até ó pesçoço. Foi p'r'ó Barco todo atulhado.

Ande que você deu por castigue, dele num dromir toda a noite ó pé de mim, mas tamém leva por castigo ir borrado até ó pesçoço.

A caminho do Fundão ⁴

Intigamente no Barque, no havia lá a ponte, havia um barque. Nós dávames, todes os anes um tante de milhe p'a passarem de barque⁵. Tinho lá o barque e tinho os barqueres, p'a passarem o p'ssoal do Paúl p'ó Fundão, passavam os bois e tude, no barque.

Havia lá 'mas táubuas, assim, p'o rie adiante - a avó, essa foi um milagre de Deus em ela num ter ide ó rie abaixo!

Alguns passavam decima das táubuas, é como era assim um banque, c'um varãozite. Quande o rie ía grande até batia, assim p'as táubuas, qu'inté atrapalhava a vista. A avó ía assim, mai uns po'ques, inda 'stava soltera! e ela 'sarpalho-se-le a vista e cai pó meie da água. A sorte dela ... fico'-lhe a saia agarrada a um pregue das táubuas. A m'lher do Chique Menardine agarrou-a p'as saias. Ela, quande a otra a agarrou p'as saias, agarrô-se à otra; a otra já gritava:

- Acudem-me, acudem-me, acudem-me, qu'ela leva-me p'á água!

Lá andarem, lá a tirarem qu'ela nim já pôde ir pó barque, esfarrapô-se toda, molhê-se toda. Apois é que mandarem dezer cá p'avó Madalena, e a avó Madalena é que foi a ver dela, é que levou o fate e é qu'a tro'xerem p'ra casa.

O cabrito do Diabo

Os barqueres 'tavem ali até à meia-noite, uma hora, à espera que viesse o p'ssoal, p'a passarem o p'ssoal. Davem-le um ass'bie do lade de lá do rie e eles iem c'o barque e iem buscar o p'ssoal.

Davem-le um ass'bie, ch'gavem lá co barque, num viam ninguém!

- Ai, chamarem-nos e num há cá ninguém!

⁴ Apesar de o Paúl pertencer administrativamente ao concelho da Covilhã, o Fundão era a localidade onde as gentes do Paúl tratavam dos negócios relativos às suas actividades agrícolas. Ir à Covilhã, sede do concelho, era sinal de ter de resolver problemas legais.

⁵ A barca era o meio de transporte que cruzava o rio Zêzere e que trazia as pessoas que se deslocavam ao Fundão de um aparta a outra margem. A frequência da ida ao Fundão por parte das gentes do Paúl justificava um pagamento anual em géneros.

Tornavam a ir p'áquele lade d'além co barque. lem otra vez lá pá taberna, tornavam a sentir o ass'bie, tornavam a ir, num havia lá ninguém. Diz assim o otre:

- Agora é que nós vames, até que seja o diabe nós temes qu'o trazer!

E num l'apareceu lá o diabe?!

Quande lá cheguem, passem o barque p'ó otre lade de lá, vêm 'star um cabrite, muito gorde, prete c'ma 'ma 'mora, lá a um cante, assim incantenhade a pé d'ma pedra.

- Dixeramos que levávamos o diabe, mas inda aqui temes cosa m'lhor có diabe! Levamos um cabrite qu'agora vam's-o arranjar e vam's-o comer, p'ó trabalhe d'andarames aqui p'a trás e p'a diante.

E era o diabe mesmo!

Passarem-no, um barquere escarrapachou-o aqui no pescoce e levava assim no pescoce. Quande já íem próxima da taberna, dixeu que começou a pesar, a pesar, a fazer pese, a fazer pese, a fazer pese; o otre à ad'marse as pernas, à ad'marse-l'as pernas. Era assim:

- Éh pá, tirai-me iste!

Ele qu'ria-ó ditar p'ó chão, mas é qu'ele num saía.

- Óh pá, tirai-me iste qu'eu num auguente já tal pese!

Os otres, tude agarrade p'a le tirar aquile do pescoce e num conseguirem tirar-l'aquile do pescoce! até qu'foi obrigad', ele ditar-se p'ó chão. Quande s'ditou pó chão, é qu'atão aquile deu um berre, d'sapareceu e nunca mai o virem.

O medo do Pisão

Otra vez o avô Sardinha, o pai do avô, dixeu qu'ía guardar os bois ali pós lades do Pezão - aquile dixeu que num havia lá casa nenhuma, era tude só assim, géstais, relvões - ía assim p'o tempe da lua, fartar os bois, assim d'noite. Tirava-l'a guia, ía assim fartar os bois. Quande foi da meia noite p'á 'ma hora, qu'veiu um cãozite, p'canite, c'uns aguizes no cachace - tric, tric, tric, tric, p'ro í abaxie, p'ro í abaxie - e ele foi assim:

- Deixa-te vir, dixeu qu'trazia assim um cacete d'altura dele, quande aqui tchegares tu há-des saber com'é qu'te custa!

Vai além, pumba!

Bufava ... desapar'cia!

Tornava a ir mai p'a diante: tric, tric, tric.

Mandava-le otra castada... bufava, tornava a desapar'cer!

Diz ele:

- Mau, iste num é cosa boa, vou-me mas é imhora já pra casa qu'eu já num quere aqui 'star nim mai um minute.

Ditou atão a guia ós bois, e foi pra casa.

O medo das Tapadas

Otra vez dixे que foi dromir a guardar a água da R'badirada, debaixo dumas olveras do avô Gouveia. 'Stava lá ditade, quand' sinte vir além às Tapadas pro' í abaixe:

Catalão, catalão, catalão.

Dixe assim:

- Ulha, vem aí algum cão co' alguns ferres agarrades às patas; anda qu'agora há-des levar cá uma corrida que mal tu há-des saber!

O qu'ê qu'ele fez:

Dixe qu'intigamente osavem 'ma cinta, c'má qu'agora usem os qu'andem a tocar o bombe, encheu a cinta de pedras e passa aquele cão grande, prete, ó pé dele e correu-o à pedrada. O cão deu um berre tão grande que parecia uma pessoa.

Os cães do Paulo Ferreira

Havia antigamente aqui um pastor que era o Paulo Ferrêra, disse que tinha ali um gade no S'magral. Ele tinha uns cães muito grandes qu'osavem umas coleras de bic's e por estes arredores tudo já os conhecia

Uma vez um do Paúl, vinha do Fundão, de noite, e mal de lá saíu veie logue um lobe atrás dele a segui-lo, mas sin le fazer nada.

Entrou numa taberna, naquela altura havia muitas por aqueles caminhes, e disse ó taberneiro:

- Já desde o Fundão que vem um lobe atrás de mim, mas num se mete c'migo. O taberneiro disse-lhe:

- Olhe, vossemecê fique cá, durma aqui porqu'ele quer comê-lo. Não se meta ao caminho.

- Não posso, vou andando que não há-de ser nada. E seguiu o caminhe. Quande chegou ó Barque assobiou ao barqueiro para este o passar para o outro lade. Sim, porque naquele tempo não havia ainda a ponte.

E contou ao barqueiro o que se passava. Este disse-lhe que se calhar o lobo não passava o rio com a água que levava.

Depois de passar o rio seguiu a caminho do Paul mas passado um bocado o lobo apareceu-lhe outra vez ao caminho e cada vez mais perto dele.

Quando chegou ao alto do Cruzeiro e já se via o Paul, o lobo parece que percebia, começou a ameaçá-lo ainda mais e ele teve que subir a uma olivêra.

O lobo enraivado rapava e mordia na olivêra pa ver se cortava a olivêra pa c'mer o homem. Então o que é que ele se limbrou: o Paulo Ferrêra disse que tinha lá uns cães muita grandes e aqui por estes arredores tudo já os conhecia, assobiou-le, quando assobiou o cão foi logue lá ter. Deu atrás do lobo, jogarem uma bulha co lobe e disse que, co rio grande, atravessarem o rio e foi-no matar à Sr^a da Rosa, além pró pé do Telhado. Aí é que conseguiu matar o lobe. O que é qu'ele fez, em lugar de se vir embora deitou-se ao pé do lobe só pó dono saber aquilo qu' ele foi fazer.

O pastor andava todo aflito: matarem-mo meu cão, quem seria? Quando iam a passar lá ó pé dele ele não deixava e arremetia pás pessoas. Conhecerem o cão e dixerem:

- Aquele cão é do Paul, mandarem recado cá pó Paul que fossem lá ver do cão que 'stava à Sr^a da Rosa deitado a pé d'um lobe que ele matou. Lá foi atão o pastor e lá o trouxe.

O lobo na Pousia

Otra vez o Ti Luís dixे assim p'ó Ti Alberte:

- O Alberte, vai à Posia que 'stá lá a alinterna, vai-ma buscar qu'eu hoje precise d'ir a regar de noite, precise d' alinterna.

Tinhem lá o gade no palhere. E o ti Alberte qu'dixe assim p'ó avô:

- Oh irmão Antónhe, anda c'migue à Posia, tou assim c'um bocade d'arreceie d'ir lá sózinhe, a estas horas!

Intigamente num havia luz, era tude às escuras!

Lá, aquile num havia lá a estrada, era um largue onde o avô Sardinha malhava o trigue e o pão... O avô dixе qu'é qu'ia na frente, o ti Alberte teve mede d'ir sózinhe! Quande chegou à quina do palhere, diz o avô:

- Oh Alberte, já algum dia vistes um lobe?

- Eu não!

- Anda cá c'o há-des ver!

O lobe ir in cú, decima, assim à porta do gade. Diz ele:

- Foi uma sorte, eu dixava sempre lá ficar o gade c'ma cancela.

Ma cancela é assim... travessas assim pragadas, assim, duas colunas e as travessas assim

pragadas até ó cime p'a dar ar p'á loja, p'ós animais 'starem mai fresques. Diz ele:

- Foi 'ma sorte, aquel dia deu-me p'a fechar a porta!

O ti Alberte, olhou assim, viu o lobe e o avô dixे assim p'ó cão, o cão 'stava lá mas 'tava c'o mede do lobe, tava ditade decima duma moreia da palha, intigamente imoriavem assim, montes muita altes. E o avô dixе assim p'ó cão:

- Oh Neque, salta-le qu'é lobe!

O cão quande sintiu a voz do avô Sardinha, salta de lá da moreia da palha pra baixе, agarra-se ó lobe, eles jogarem ali ma grand' bulha diante do palhere e o avô Sardinha:

- Agarra Neque, agarra Neque!

Atão ele num foi atrás do lobe e atrás do cão lá pra baixе p'às Malhadas? Diz o avô:

- Pinotes quê dei nos arames daquela vedêras, às escuras, de noite.

O Diamante

Otra vez foi pá R'badirada decima, guardar a águа. Tinhames cá um cão que chamava-se Diamante. O avô 'stava lá assim ditade por cima do chão, a guardar a águа, e o cão começa a romper, a romper, p'ós lades da vinha e o avô diz que se pôs assim... porqu'onde há lobe a gente se põe assim co cabele no ar. Que s'le começou a ursar o cabele tode e o cão igual. Diz:

- Iste é lobe que prá'qui anda!

Quande o avô olha, dixе que vê assim os olhes do lobe a luzir na vinha, diz qu'os lobes, qu'os olhes deles, qu'é come são duas lanternas. Ora num era logue d'acinder a luz? Não! dixu ali andar a moer o cão até, até. O avô dezia:

-Diamante, anda p'rá qui, Diamante anda prá qui, anda cá!

Lá o animal, o cão, ía p'ó pé dele, mas o lobe vinha-se à proximar dele, tornava logue a ir. Depois o avô acindeu o candiere, e pindurô-o na olivera. O lobe mudou-se logue pó lade de lá da r'bera, ali andou a moer o cão até de madrugada, só quande se começou amanhacer é qu'ele se foi imhora e dixu o avô im paz.

O lobo na Pedra da Sola

E ó Zé Lipolde, na Pedra da Sola? Esse é qu'la fezerem bonita!

Levou ma facha de palha, intigamente era 'ma miséria, tude samiava. Destes anes de s'quera a águа faltava, tinham d'imprasar a águа na r'bera e tinham da guardar, porqu'os das regadias debaixo, íem-le furar as presas p'ás levarem p'ra baixе.

O homem ditou-se lá decima d'ma facha de palha, pôs lá 'mas mantas e ditô-se lá. Pla noite adiante vai-le lá ter um lobe a pé dele. Começô a farejá-lo tode: a farejar-l'a cabeça, a farejar-l'os pés, a farejar-le p'ro i abaixe, pro i abaixe, pro i abaixe...Diz ele:

- Pronte, 'stou dos fins da m'nha vida!

Mas ele caladinhe, nem se bulia.

- 'Tou dos fins da m'nha vida!

O qu'é co lobe fez?

Tirô-lhe quanta palha ele tinha debaixo dele, a esgravatar, tirô-la e ditô-lha pra cima, e foi chamar mais, o lobe diz qu'num se dêta a 'ma pessoa sózinhe! Sintiu-o de longe a oivar a chamar os otres, os companheres.

Ele atão quande o oviu longe, alvantô-se, saltou pá levada, meteu à levada abaixe e foi-se meter num palhere, ali nos Pinhezinhes e arrecadô-se lá. Os otres quande lá chegarem e num encontrarem lá nada, ditarem-se, porque iste dixe qu'é assim, o lobe que vai chamar os otres e quande lá chega e num há lá nada, os otres dão ma sova naqueles qu'o vão chamar. Derem atão 'ma sovata no otre lobe. Ulha, diz qu'já ía o sol alte e ele lá metide dentre da casa inda c'o mede !

Qu'diz ele:

- Bem a estas horas os lobes já lá num 'stão!

Foi pro aí acima, dixe qu'a palha ficou tude espalhade, a ropa que lá ficou, dixe qu'lha fizeram tude às fitas, tude esbagaçade.

O Diamante e os bois

Tinhames cá uns bois que pareciam umas pessoas: olhavam um pró outro a combinarem-se pra fugir.

Um dia o avô foi buscar um carro de pinhes às Bochas. Quando vinha a descer um caminhe os bois começarem sarroteiros a preparar-se e fugirem. O avô pensou:

- Eu atrás deles já num os apanhe, vou atalhar por aqui e agarro-os lá à frente. Quando chegou ao cruzamento os bois não apreciam e disse:

- Eles não tiverem tempo daqui passar, e meteu-se caminho abaixo; ó fim dum bocade lá estavam os bois com o cão, o Diamante, sentade à frente dos bois. Quando eles virem o avô a modes que quiserem ir embora outra vez mas o cão empinava-se ós bois a morder-lhe no focinho e não os deixou ir inté qu' o avô os prendesse com a guia.

Ele dizia atão:

Até que me dessem 500 mil réis p'lo meu cãozinho eu não o dou por dinhere nenhum.

A cobra e o soldado

Era um rapaz que criou 'ma cobra p'quenina, ele andava a guardar cabras e ordenhava. As cobras são munte amigas de lête, já têm intrade p'a dentre das crianças. Antigamente, as m'lheres levavam-nas dentre dum ceste, punhem-nas d'baixe dum guarda-chuva, com'a avó nos fazia a nós e as cobras dava-les o cheire do lête e intravem pa dentre da boca das crianças e matavam-nas. E ele atão, o rapaz, criou atão aquela cobra. Chegava lá, ass'viava-le e a cobra vinha logue.

Ele foi p'à tropa, foi p'à tropa, a cobra estranhou. Quande vinha de regresso p'ra casa disse assim p'ró outre companhere:

- Éh pá, aqui neste sitie criei 'ma cobra, eu chegava aqui ass'viava-le e ela aparecia logue.

Diz-' assim o outre:

- Ass'via-le lá, pode ser qu'inda seja viva.

- Éh lá agora viva, há tante tempe! Ass'viou-le, a maldita da cobra apareceu-le mesme, já era grande, ele com'çou-le a fazer festas, mas ela subiu por ele acima, enrolou-se-'ó pescoce, matou-o. Puserem-le lá um cruzeire, p'a memória daquele soldade qu' lá morreu, c'a maldita da cobra.

Touro azul

Uma vez 'ma m'lher, 'stava a nevar muito e a comer 'ma romã, e quande 'stava a c'mer a romã caíu-lhe um bago da romã pra cima da neve. Ela quande viu assim a romã em cima da neve, disse assim:

- Quem me dera assim 'ma filha linda como a neve e coradinha com'a romã. Pois Nosso Senhor deu-le 'ma filha assim.

Por sorte a m'lher morreu, a filha ficou, o pai casou-se e arranjou-le 'ma madrasta, a madrasta tratava-a muito mal. Apois essa madrasta tamém teve 'ma filha, mas era munte feia, num era nada, ó pé daquela.

O qu'é qu'ela fez: só p'á mart'lizar, mandava-a ir guardar os toures e apois mandava-le meadas de lã p'ra ela dobar e dizia-le:

- Se à noite num m'apresentares essa lã dobada, eu faço-te e aconteço-te...

Ela ia pó pé dos toures e chorava.

O toure azul dizia-le:

- Porqu'é que tu choras ò Branca de Neve?

- Porqu'a m'nha madrasta mandou-me dobar esta lâ, com'é qu'eu vou conseguir dobar esta lâ sózinha?

- Enfia-m'a aqui nos meus cornes, já tu a dobas depressa. Ela atão isso fazia e dobava tude a trote.

À noite a madrasta toda s'admirava com'é qu'ela conseguia fazer tante service. Um dia foi espreitá-la, viu qu'era o toure que le segurava a lâ nos cornes. Mandou-le matar o toure.

Ela chorava munte p'lo seu toure azul e d'zia:

- Oh toure azul, a m'nha madrasta vai-te mandar matar por tu m'fazeres tante bem.

- Num t'importes, olha, quande me matarem, vás-me lavar as tripas, dentre das m'nhas tripas 'stá lá 'ma bolinha d'ore, essa bolinha há-de-te servir p'ra tu' defesa.

Assim foi.

Matarem o toure e ela foi sózinha lavar as tripas. 'Stava a lavar as tripas e a ver se via saír a bolinha d'ore. Até qu'viu saír a bolinha d'ore. A bolinha d'ore foi à augua abaixo, ela aband'nou tripas, aband'nou tude e foi a ver s'agarrava a bolinha d'ore, até qu'agarrou, mas munte longe d'onde 'stava a lavar as tripas.

Até qu'viu 'star 'ma casinha munte velha. O qu'é qu'ela fez? Abriu a porta, viu 'star a casa munte suja, e pôs-se a arrumar a casa: Lavou a casa toda, arrumou tude, fez o c'mer, sim saber d'quem era a casa!

A casa era dos ladrões.

Até qu'anoiteceu, ela escondeu-se detrás da porta. Os ladrões quande vierem, virem a casa toda arrumadinha, o c'mer fe'te, foi assim:

- Quem saria a 'bençoada que tante bem nos fez?

Eles tinham lá um cão e o cão c'meça assim:

- Béu, béu, quem fez o bem 'stá trás da porta!

Eles forem lá, 'stava lá a m'nina. P'garem-le p'la mão, l'varem-na p'a pé deles, ela até trumia c'o mede, foi assim:

- Oh m'nha m'nina, 'steja descansada qu'nós num a tratames mal. Com'é qu'você aqui vei' parar?

Ela contou o qu' se tinha passade... qu'ía ver d'ma bolinha d'ore, mas qu' depois a apanhou e entrou naquela casa e qu' viu aquela desgraça qu' lá ía, e qu' s'pôs a limpar.

- Tome esta varinha, quande p'cisar qualquer cosa, bata com ela do chão qu' Deus num l' há-de

faltar cum nada.

A madrasta arranjou-le um v'stíde de tabuinhas, encab'çadas cum arames, assim é qu'ela andava v'stída aquela povrezinha!

Bem, acabou c'os toures, meteu-a im casa a fazer a vida d' casa, só a chamavam a Gata Borralhenta.

Quand' íem todes p'á missa, ela num ía porque num tinha fate. E ela batia c'a varinha no chão, apar'cia logue um fate tode dorade, bons sapates, bons chapézinhes e um bom coche pa ela ir, cum cavales à puxar.

O filhe do rei, via ir aquela princesa, andava incantade cum ela, mas ela assim qu'stava a missa aquase a ch'gar ó fim, pilrava-se; qu'era p'a quand' eles ch'gassem a casa, a madrasta e o pai e a otra irmã, não ver qu'era ela. Apois ch'gavem a casa e era assim:

- Oh Gata Borralhenta, tu 'stás sempre im casa, num vês nada, s'tu fosses à missa e visses o encanto d'ma m'nina qu'lá aparece, a cavale num coche, tu ficavas maluca!

- Qu'hei-d'eu fazer, num m'deixem daqui saír!

Até q'um dia a otra irmã disse-le assim pra ela:

- Olha lá, onde é qu'tu fostes achar esta bolinha d'ore?

E ela caiu da patetice e disse-le: que foi a tal sitie, a casa dos ladrões, mas disse-le tude ó contrárie, qu'introu lá, qu'tinham a casa limpa e ela qu' foi buscar baldes d'terra, olha, e qu'l'andou a espalhar p'lo meie da casa e qu'le sujou tude e eles qu'vierem e qu'abençoarem.

Ela agarrou, foi lá.

Os ladrões vierem, virem a casa toda suja, foi assim:

- Quem saria a malvada qu'tante mal nos fez?

Diz o cão:

- Béu béu, quim fez o mal 'stá trás da porta.

Forem lá 'stava lá ela. Diss'assim:

- Oh malvada, oxalá que tantas falas tu dei-as, com' de cagalhões de'tes p'la boca!

E ela abalou. D'pois chegava a casa, 'stava a falar e os cagalhões era ós montes no meie da casa.

Ó otre d'mingue tornarem a ir à missa, mas ela apois feze-o de prepóstes. S'um dia l'vava um v'stíde linde ó otre dia inda mai linde o l'vava. Quande ía a subir p'ra cima da carroça, caíu-le um sapate pró chão... mas ela num teve vagar do apanhar, pilrou-se, num quis saber do sapate. O filhe do rei apanhó-o, apanhó-o e apois pôs atão um d'crete: a quem sarvisse aquel' sapate casava com ele, era só pa ver s'casava cum ela!

Tude lá ía a exprimentar o sapate, às raparigas da terra, a ninguém sarvia, foi lá a irmã da qu'eles chamavam a Gata Borralhenta, ela tante ataf'lhou, tante ataf'lhou até qu'meteu lá o pé. Mas é qu'o rei num g'stava dela, pois num era ela! Mas disse qu' palavra d'rei qu'num volta atrás, lá cumbinarem o casamente p'a casar cum ela, lá c'a cagalhuda... mas ela num falava!

Quande já ía o casamente c'meça assim o cão:

- Oh, oh, oh, a cagalhuda vai na frente e a frem'sura fica em casa!

O rei ouviu aquile e pararem e diss' assim:

- Mas o qu'é qu'este animal 'stá a d'zer?

Tornou a d'zer:

- Oh, oh, oh, a cagalhuda vai na frente e a frem'sura fica em casa!

Disse lá p'ós pais da qu'ía p'a casar cum ele:

- Olhe lá, você ainda lá tem alguma filha em casa?

- Ah, tenhe!

- Vá-m'a lá buscar.

Foi-a buscar, ela agarrou bateu c'a varinha no chão, aprasentou-se-l' atão um v'stude tode em ore, um coche dos mais lind's qu'havia, uns sapat's tud' em ore. Viu aquile e disse:

- Já num precise mais nada, esta mesma é aquela qu'eu qu'ria!

Casou cum ela e apois ela contou-l' a vida dela toda, conforme foi e num foi e o rei mandou matar lá a cagalhuda.

Domingos Orelhas

Adeus D'mingues d'orelhas!

- Oh m'lher, tu num sabes d'nada?

- Não!

- O padre quande passa p'ro mim chama-me sempre D'mingues d'orelhas!

- Oh homem s'eu num 'stivesse coxa, quem lá ía pôr m'a d'sanda era eu.

- Oh m'lher eu lev'-te às costas!

Montou-se a cavale do homem e lá foi. Chegou à porta do padre e disse-lhe assim:

- Oh senhor padre abadesse, papador dos meus chorices, rompador dos meus lançoís, quem é qu'mandou chamar o meu homem D'mingues d'orelhas, send'ele o D'mingues cornelhas?

Se m'iste torna a constar, o burre qu'me trouxe torna-m'a l'var. E ela montou-se a cavale nele e lá vai ele. Quande ch'gou a casa diss'ele:

- Oh m'lher, sempre l'cá puseste m'a d'sanda que l'puseste a alma a 'ma banda.

Os compadres almocreves

Era dois alm'creves, andavam os dois assim no n'gócie, andavam os dois ó azeite, mas a m'lher quand'ele abalava andava boa, quande ele vinha m'tia-se na cama. Pois ele chegou a casa 'stava ela m'tida na cama.

- Oh m'lher continuas sempre doente!

- Oh homem, eu continue, s' tu fosses ó mar, há lá uns passarinhos chamad's rabis rabis, esses é qu'm'a mim curavem.

Mas ele passou por casa do colega.

- Eu é qu' tenhe cá 'ma sorte, inda agora vim já tenhe qu'm'ir imbora!

- Atão porquê?

- A m'nha m'lher 'stá m'tida na cama; diz qu'há uns passarinhos no mar chamades rabis rabis... ond' é qu'eu vou encontrar isse?

- Quant' é qu' tu m'dás p'a eu curar a tua m'lher?

- Ai eu dava-te trinta mil réis e a m'nha égua vermelha!

- Pronte, mete-te aqui dentre da golpelha - era um odre feito d'ma pele de cabra.

Chegou lá e foi assim:

- Oh c'madre, vossemecê faz-m'aqui um favor - já ela andava tod'artêra, já lá tinha o amigue em casa - você faz-m'um favor?

- Atão num face compadre, face pois!

- É que na m'nha casa vai 'ma rataria e 'stou co mede qu'me ratem o odre do azeite, deixava-m'o aqui pôr no seu quarte?

- Ai, ponha-o aqui compadre, olhe, eu 'stou a fazer o jantar e vossemecê vem cá tamém ajudá-lo a c'mer, 'stá bem?

- Pode ser.

Ele lá s'apresentou às horas do jantar. Apois ó fim de c'merem todes, ele o amigue e ela, diz ela:

- Oh compadre, é c'stume ó fim do c'mer a gente contar 'mas anadotas, olhe, a primêra sou eu.

- O meu homem foi ó mar, charabis rabis foi buscar, enquanto ele vai e num vai, tá outre no seu lugar.

Diz o amigue:

- Eu cá vou passeande, c'as mão nos meus calções, a fazer uns cornes outres cabrões.

E ele apois disse:

- Oh lá da golpelha, bem me 'stás ouvinde, tenho trinta mil réis ganhes e a tu' égua vermelha.

Ele saiu d'lá c'ma tranca. Ela quande viu o homem disse:

- Foge foge Sarafim dos Anjes qu' vem lá o Chanca d'boi qu'ta mata.

O púcaro

Andavam os ceifadores a ceifar o pão, mas o mai nôve é qu'acarretava a água. Havia uns p'carinhes de barre, vidrades, ía buscar os p'carinhes da água. O últ'me a boer foi o pai, já só 'stava lá um pinguite, ele tinha tal sede... boeu pucar' e tude. Ó fim de boer o púcare, f'cou n'mas afrontas qu' eu sei lá!

Ele esfregava a barriga, ele tude, num parava com tais afrontas. Ditou as calças abaixo, pôs-se de cu p'ró ar. Era assim o filhe:

- Oh pai, puxe, puxe, olhe qu'é um b'zerre, olhe qu'já le 'stou a ver a cabeça amarela.

Atão, tante puxou até c'o pucare saíu e foi bater na cabeça do filhe, e dixeu:

- Maldite o b'zerre, vá lá pa quem no cagou, inda agora nasceu já m'marrou.

Odre sem barça

Era a m'lher e o homem, num tinham azête. Disse assim um:

- Com'é qu' nós havem's d'arranjar denhere pó azête?

- Olha, vás ter a casa do compadre qu'esse tem lá munte e dizes assim:

- Oh compadre, deixe-me aqui arr'cadar na sua casa qu'o meu homem hoje dá-me 'ma sova qu'me mata! e pedes-le p'ra ires p'á loja. Ela atão:

- Óh compadre acuda-me, qu'o meu homem quer-me matar!

- Atão mas o que foi?

- Ele quer-me matar, ai deixe-me aqui esconder na su' loja!

E ele abriu-l'a porta e foi p'rá loja.

E ela toca a encher o odre d'azête.

Chegou lá ele:

- Óh compadre num viu p'ro 'qui a velhaca da m'nha m'lher?

- Ela apareceu compadre, atão acalm'-se, atão mas o qu' é isse, mais frite e mais c'zide...

- Eu hoje mate-a!

Ela qu'ria atar o odre e num tinha 'ma baraça...

- Cala-te ó boca d'odre sem baraça!

E ele atão p'r'á limbrar disse-le:

- Óh velhaca s'aí vou, tire-ta da popa e ate-ta na boca!

Ela apois limbrou-se, tirou a baraça qu' tinha na popa e atou-a na boca do odre e pilrou-se co'odre d'azête p'ra casa e o otre ficou de conversa c'o compadre.

João Soldado

Eu sou o João Soldade⁶, nim teme nim deve, andei vint'e quatre anes a servir o rei, o lucre que le tirei foi um pão e quatre vinténs.

Apar'ceu-le San Pedre a p'dir 'ma esmola. E ele disse:

- Atão andei vint'e quatre anes a servir o rei, o lucre que le tirei foi um pão e quatre vinténs, atão e agora inda te vou dar ismola? Mas lá l'heu ismola. Mas ele num sabia qu'era San Pedre.

O San.Pedre viu qu'ele l'vava po'co, num descansou inquante num o d'penou e ía-le saír ós caminhes, até qu'ficou sem nada. Diz ele assim:

- Já 'stou velhe, já m'tiraste tude, bem te conhece, és o mesmo, c'nhece-te p'a calva da cabeça e c'nhece-te p'as mãos. Quem és tu?

- Eu sou San Pedre.

- Com qu' é qu'eu agora m'ide governar?

⁶ Este conto foi aprendido pela informante a partir de um livro que um cunhado lhe leu quando era criança.

- Olha, vou-te dar um poder, tude aquile qu'tu vires, dizes assim: salta p'ó bornal! Nada te faltará no bornal, 'stás governade.

Ele atão assim foi, passou p'ma loja, s'tavem lá inguias, tude bonite, a vender. Ele num tinha d'nhere, chegou à porta e foi assim:

- Salta p' ó bornal!

As inguias começarem logue tude a correr, tude a correr, ficou logue cheie. O done num le pôde d'zer nada, elas é que forem lá p'ra dentre.

Chegava a otre lade, tude o qu' via, d'zia:

- Salta p'ó bornal!

Até q'um dia 'stava lá 'ma barraquita, apar'ceu-le lá o diabe a'tentá-lo e ele disse-le assim:

- Olha, queres f'mar?

- Não, eu num fume, só fume palhas!

- Queres beber um cope?

- Só bebe águarrasa.

- Atão olha, s'tá aí a f'guera carregada de figues, sobe aí p'a essa f'guera, vai c'mende uns f'guites enquanto eu ali vou, qu'eu já volte.

Foi p'dir um mace d' ferre a um sarralhe're e chegou ó pé do diabe e disse p'ó diabe:

- Salta p'ó bornal!

- Isso é qu'eu num salte!

- Já te disse, salta p'ó bornal!

Ele num teve otre remédie que foi saltar p'a dentre do bornal. Ó fim de lá 'star dentre foi buscar o mace de ferre, bateu, bateu, bateu, até pôr o diabe c'm'á folha do papel, moeu-le os osses, o diabe ninguém o mata, moeu-le os osses. O diabe lá saíu, c'o rabe entr'as pernas, lá foi, lá s'arrastou, lá foi p'ó inferne.

- Agora p'ra onde é qu'eu ide ir?

Á andar por um caminhe e viu um palácie munte grande, qu'era onde 'stava um incante e perguntou de quem era aquela casa.

- Olhe, aquela casa 'stá abandonada, 'stá lá um incante e ninguém consegue lá entrar. Diz ele:

- Num conseguem lá intrar, consigo eu, se m'vierem atentar mete tude no bornal!

Foi, introu. A primeira coisa que fez foi ir às lojas e encontrou boas pipas de vinhe, 'ma boa

salgadera com carne. Apois subiu, uma boa lareira, ali havia de tude o qu'havia de c'mer. Diz ele:

- Já 'stou governade.

Mas ele ía buscar o vinhe, a carne, acendia o lume e punha-se à lareira. Sentiu 'ma voz:

- Ai eu caio!

Ele p'a num ter mede boía mai um trague de vinhe.

- Cai já p'r'aí, eu sou o João Soldade, nim teme nim deve, andei vint'e quatre anes a servir o rei, o lucre que le tirei foi um pão e quatre vinténs, por isse num tenhe mede de ti.

- Atão lá vai a m'nha cabeça.

Caía a cabeça do homem.

- Agora lá vai um brace.

Caía-l'um brace ó lade dele.

Ele ía tremende, mas ía boende p'a num ter mede.

- Agora lá vai o meu tronque, agora lá vão as m'nhas pernas. Ó fim de 'star o homem tode caíde no chão, diz:

- O qu'é qu'tu queres agora qu'eu te faça?

- Une-me a m'nha cabeça ó meu tronque. Uniu-a.

- E agora?

- Une os meus braces ó meu tronque, une-me as m'nhas pernas. O homem ficou complete.

- O qu'é que queres agora qu'te faça?

- Pega-me p'la mão e l'vanta-me. E l'vantou-se.

- Anda c'migue à loja. E foi.

- Toma esta enxada, cava.

- Cava tu, sabes qu'eu sou o João Soldade, nim teme nim deve!

Lá o incante cavou ele, tirou atão três talhas, uma d'ore, uma em papel e outra em cobre. Disse:

- Olha, esta talha d'ore é p'ra ti, esta talha d'papel é p'ra mandares d'zer missas p'la m'nha alma e esta talha d'cobre é p'a dares d'ismola ós povres.

- Atão e tu vás p'ó céu?

- Vou.

Quande s'achou já velhe disse p'ra ele:

- Qu' 'stou aqui a fazer sózinhe? P'ra ir p'ó céu num m'abrem lá a porta, vou até ó inferne a ver s'me lá querem!

Chegou ó inferne c'o bernal às costas e bateu à porta. Apareceu-le lá um diabe.

- Quem és tu?

- Sou o João Soldade, andei vint'e quatre anes a servir o rei o lucre que le tirei foi um pão e quatre vinténs.

- Mandem-me chamar sarralheres e carpinteres p'a me taparem todes os buragues do inferne, se cá entra o João Soldade mata-nos a todes! Eles assim f'zerem e num o deixarem entrar. Diz ele:

- Atão p'ra ond'é qu'eu hei-d'ir? Vou até ó céu a ver s'o San Pedre m'deixa entrar.

Bateu à porta, apar'ceu lá San Pedre.

- O qu'é qu'tu queres ó João Soldade?

- Sabes o qu'é qu'eu quere, quere qu'me deixes entrar p'ó céu.

- O quê, tu entrares p'ó céu, nim pensar nisse.

- Ai, por cima de me c'meres tude o qu'eu ganhei inda m'num deixas entrar p'ó céu? Salta p'ó bernal.

- Iss'é qu'eu num salte.

- Ai iss'é qu'tu saltas.

Quande o bernal o com'çou a puxar, p'a ir pa dentre do bernal...

- Pronte, entra lá p'ó céu. E lá ficou no céu.

Falsidade

Uma vez um homem tinha um criade e ele punha-se a d'zer pró criade:

- Óh criade a m'nha m'lher quer-me tante bem, tante bem, é 'ma loucura c'migue.

- Ai patrão, você inda se fia em mulheres? Se você morresse arranjava logue otre.

- Ai num arranjava não, a m'nha m'lher quer-me munte bem.

- Oh patrão faça-se morte qu'vai ver o qu'ela faz.

- Mas tu dizes-me isse?

- Exprimente qu' d'pois já sabe.

Fez-se morte.

Ela a povrezinha da m'lher chorava:

- Ai o meu qu'ride homem, ai o meu qu'ride homem.

E o criade c'meça de roda dela:

- Patroa, venha-me fazer o almoce.

- Ai, hoje c'o meu homem morte num faço de c'mer!

- Já le disse patroa, mesm'o meu patrão me disse que quand' ele morresse consigue dormisse!

Ela quande ouviu isse l'vantou-se agarrou-se ó pescoce do criade.

- Tamém mo diss'a mim, tamém mo diss'a mim!

O beijo na burra

'Ma padera tinha ma filha munto bonita, morava a pé do rei e o rei tinha lá um filhe e tinham um mure a d'vidir, assim, o quintal. A padera comprou um anel à filha.

A mãe dixelhe:

- Vai às favas.

Ela ía apanhar favas, cortava 'ma fava, mirava o anel, cortava otra, mirava o anel.

O filhe do rei ía-se lá pôr c'a cabeça ' àssomar num buraque.

- Oh filha da padera, quantas favas tem a favera?

E ela invergonhada, foi d'zer à mãe.

- O filhe do rei mete-se sempre c'migue, anda sempre:" Oh filha da padera quantas favas tem a favera?"

- Olha, quande t'ele d'xer isse, diz-lhe: Oh filhe do rei, quantas estrelas tem o céu?

Assim foi.

- Oh filha da padera quantas favas tem a favera?

- Oh filhe do rei quantas estrelas tem o céu?

Ele atão vestiu-se de pobre, enmascarô-se, comprou 'ma tendazita e foi-l'a bater à porta.

- Oh minhas senhoras, querem comprar alguma cosa?

- Ai nã' senhora, num há dinhere, a gente num quere nada!

- Olhe venhem cá comprar um anelzinhe, ó' um véu.

Apoi, ela 'steve a ver, a mãe, 'steve a ver os véus.

- Oh, quante é que quere p'o véu?

Ele lá le dixeu.

- Ai, isse é munte care!

- Olhe inda vames fazer otra cosa, a menina dá-me um beije e ê dô-le um véu!

- Ê não, Deus me livre, antes nunca qu'ria pôr véus!

Diz-l'a mãe:

- Olha filha, ele nunca mai cá vem, nunca mai te vei e ninguém sabe, tu ficas c'o véu e ele fica c'o beije!

- Não, não, isse é qu'eu num face!

Disse-l'ele otra vez, o filhe do rei:

- Olhe menina, 'inda le face otra cosa: eu ponhe o véu na cara, e a menina dá-me um beije d'cima do véu!

Bem, lá se resolveu. Deu-l'o beije d'cima do véu.

Ele abalou e ela ficou toda contente c'o véu.

Ó otre dia, tornou a ir às favas. Tornou lá a vir ele:

- Oh filha da padera, quantas favas tem a favera?

- Oh filhe do rei quantas estrelas tem o céu?

- E um bijinhe por cima do véu!

Ai, isse é qu'ela ficou; foi pra casa: chorava, chorava.

- Bem eu num qu'ria o véu, vossemecê é qu'me leva a estas cosas todas!

Tinha morride a avó, lá do filhe do rei. Embrulharem-se, à meia noite, ele dixeu qu'andava sempre

a passear no corredor até às tantas da manhã a ler num jornal, embrulharem-se a mãe e a filha, cada uma no seu lançol, e deitarem um lançol pro cima d'ma burra qu'lá tinham e levarem a burra. Puserem-l'a burra assim encostada, c'o cú encostade à porta e elas, uma dum lade otra do otre.

Baterem-l'à porta.

Vei' ele:

- Quem é?

- Sou a sua avó!

- Atão a minh'avó já morreu e é a minh'avó?

- Sim filhe, sou a tu'avó!

- O qu'é qu'a minh'avó quer?

- Sou a tu'avó acompanhada com dois anjes, venhe aqui, num posse entrar pó céu sin tu me dares um beije!

- Oh minh'avó, lá por isse, dou-l'um beije. Und'é que 'stá a sua cara, minh'avó qu'eu num l'a veije?

Os "anjes" al'vantarem-l'a ponta do lançol e ele beij'ó cú à burra. E depois, forem-se imhora. Ele f'cou consciente qu'era'avó qu'lá 'stava. Foi-se imhora.

Ó otre dia a filha da padera tornou a ir às favas.

Começou logu'ele lá otra vez à assomar ó buraque.

- Oh filha da padera quantas favas tem a favera?

- Oh filhe do rei quantas estrelas tem o céu?

- E um bijinhe por cima do véu!

- Isse é qu'a mim m'num apura, destes um bijinhe do cú da m'nha burra.

Carne todos os dias

Foi um rapaz qu'falou à rapariga, mas logue le dixeu, eu case contigo mas é das condeções de me dares carne tod's dias, o dia que me num deres carne mate-te!

Ela tod's dias ía ó talhe, cumprava-l'a carne e dáva-la.

Esse dia morreu o homem do talhe, fecharem o talhe. Ela num tinha carne pa lhe dar, o qu'ela fez? cortou a massa da perna dela e cozeu-la pa ele c'mer a carne. Ele quande começou a c'mer

a carne dixे assim:

- Oh mulher, onde é que tu foste comprar esta carne? Carne c'ma esta nunca eu c'mi!

E ela começou a chorar.

- Atão mas 'stás a chorar proquê?

- Pois, o homem do talhe 'stá morte e num abrirem o talhe; pa tu num me matares fui obrigada a cortar um bocade, aqui na massa da m'nha perna.

- Ah! atão tem's dois filhas - tinham um filhe e ma filha assim p'quenites, a filha 'stava lá, óviu – tem's dois filhas, vames a c'mê-los, inde c'mendamos os nosses, c'mem'os dos v'zinhes!

A garotita quando óviu isse foi d'zer ó irmão, qu'era mai velhinhe.

- Oh mane vamos a fugir qu'o nosse pai mata-nos!

Contou-le e eles fugirem. Anositeceu-lhe no caminhe, coitadinhes ficarem ali amoutades, assim ali à roda do caminhe. Passarem um bande de frêras, dixerem assim:

- Olhá 'qui duas criancinhas! Vames à'bençoá-las?

- Vames!

Abençoarem a menina, os frades qu'abençoem depois o menino. Dixerem pá menina:

- Oxalá que tude o que passar p'las tuas mãos, fique logue tude feito!

Atrás passarem os frades. Dixerem:

- Olhá'qui duas crianças! Vames à'bençoá-las?

- Vames!

Dixerem pó menino:

- Olha meu menino, oxalá que todas as vezes que tu metas as mãos ó bolse que t'apareça dinhere, nunca s't'acabe no bolse!

A irmã era p'quenina, essa nim deu por nada. Mas ele quando foi ó amanhecer, foi assim pá terra mais próxima qu'incontrou, limbrou-se do qu'os frades le dixerem, meteu as mãos ó bolse, tinha os bolses cheies de denhere.

- Pronte, já num morr'à fome!

Proguntou por ma pensão pa le darem de c'mer, mas cum'eles iem tão mal enropadinhes, e p'quenines, derem-le assim o c'mer po esmola, não cum ideias d'a receber o denhere. Diz ele:

- Eu inda fique ca fome, dêm-me mais de c'mer qu'eu é pa pagar!

Quande dixe quante é, lá le dixerem, ele nim sabia contar o denhere, pôs-se a dar denhere, a dar denhere...

- Oh menine, isse já chega!

Bem, pro li assim andou munte tempe, qu'até se foi criande. O qu'é qu'ele apois fez? Foi comprar um fate pra ele, otre pá irmã, mas assim, sim 'star feita, e dixe pá irmã:

- Oh mana, vê lá, gostas diste pró'um vestide pra ti?

Ela passou-le assim c'as mãos decima.

- Ai tão linde! Ficou logue o vestide feita.

- Olha lá, tu gostas deste pra fazer um fate pra mim?

- Tamém o assim... tomou pás mãos o pane, ficou logue o fate feita pó irmão.

Diz o garote:

- Já 'stemes governades!

Ali andou até que cresceu. Um dia óviu d'zer qu'stava um palácie à venda. E ele dixe:

- Eu vou comprar esse palácie pa viver mai a minha irmã.

Foi comprar o palácie.

- Atão tu é que tens denhere pa comprar o palácie?

- Logue vames ver se tenh'ó num tenhe!

Cumprarem o palácie, começou a ditar denhere, a ditar denhere... ele num s'la acabava. Até qu'le dixerem:

- Pronte, já chega,... este denhere já chega pó palácie!

Arranjou uma criada pra casa, mas essa criada era bruxa e tinha ma filha.

Apois puserem um barque à venda, ele tamém foi lançar no barque, já era um rapaz feita, comprou o barque e pôs a f'tografia da irmã na proa do barque. O filhe do rei viu aquele barque e viu aquela f'tografia tão bonita, dixe pó rapaz:

- Atão rapaz, de quem é esta f'tografia?

- Ah, é da minha irmã!

- Atão ela é casada ó é soltera?

- É soltera, inda é munto nova.

- Atão olha, cum penas de morte tens de m'a aprasentar; se num m'apresentares mando-te matar.

Ele escraveu lá pá criada que fosse c'a irmã ter a tal terra, p'á aprasentar ó rei, contou-le o qu'estava a passar.

O qu'é qu'ela fez, chincô-l'os olhes à rapariga e meteu-a dentre d'ma caixa e ditou-a pó mar e foi lá ter c'a filha dela. O filhe do rei quando lá chegou aquela rapariga, dixe:

- Esta rapariga num é a qu'aqui 'stá na ftografia !

Mas ele come tinha dite que casava co ela era obrigade a casar c'aquela rapariga feia. E ele d'zia:

- Eu case co ela mas mando-te matar porqu'esta num é a rapariga qu'eu te pedi.

- Ai eu num tenhe culpa, eu mandei vir a m'nha irmã, esta realmente num é a m'nha irmã, eu mandei-a vir e num sei o qu'é qu'ela le fez, num m'apareceu co ela.

Um dia andava um pescador na pesca e viu vir um caixote ó mar abaixo e agarrou e apanhou o caixote. Foi a destampá-lo e ia lá a menina e inda ía viva.

- Oh m'nha filha, o homem vivia sózinhe, quem é qu'te tirou os olhinhos? e apois ela contou:

- Foi ma criada que nós temes, o meu irmão mandô-m'ir ter cum ele e ela tirô-m'os olhes e ditô-m'ó mar.

Apois o velhe foi assim:

- Olha m'nha filha, levô-te pra casa, tu vás pra m'nha casa, eu quer'te mesme assim na m'nha casa, sem os teus olhinhos! Olha, eu tenhe cá um jardim munte linde, vou-te colher um raminhe de flores pa t'ofrecer.

- Olhe paizinhe, traga-me as flores mai velhinhas qu'houver do jardim, ela sabia a sab'doria qu'tinha.

Atão ide trazer as flores mai velhinhas?

- Sim pai, traga-me as flores mai velhinhas qu'houver do jardim.

Escolheu-l'as flores mai velhas e entregô-las. Ela passou c'as mãos pro cima, ficarem as flores mai lindas do mundo.

- Oh filha o qu'é que tu fizeste às flores, flores mai lindas do qu'estas nunca eu vi!

- Olhe paizinhe, vai a tal site, lá l'indicou ond'ela vivia, e vai-mas vinder só a quem le deia um olhe de gente! A criada que me tirou os meus olhes, ela deve lá ter os meus olhes de certeza.

Ela lá l'ens'nou ond'ela vivia e ele foi lá bater à porta. Veie la a criada.

- Olhe lá, quer me comprar este raminhe de flores?

- Ai quere sim senhora, quante é que você quer por elas?

- Olhe, eu num as vende qu'as dou a quem me der um olhinhe de gente.

- Ai dou sim senhora!

Foi-le buscar um olhe e deu-lo. O homenzinhe foi tode contente pra casa.

- Oh m'nha filha, já t'cá trague um olhinhe de gente!

- Olhe, ponha-le assim... o rolede pra baixe e a otra parte pra cima. Ela fez assim... e ficou a ver, mas num le dixe que 'stava a ver.

Dixe assim:

- Oh paizinhe, vá-me colher otre rame de flores das mai velhinhas, mai velhinhas qu'lá houver. Ele tornou a ir colher.

Foi assim:

- Vá à mesma casa onde le vinderem este olhe, vá lá vinder as flores e qu'le deiem otre!

Ele agarrou foi, foi lá à porta dela.

- Olhe, ontem vindi-le 'mas flores munte lindas, mas hoje inda cá trague otras mai lindas!

- Quante é que quer por elas?

- Olhe, eu num quere denhere, só quere um olhinhe de gente!

- Ai eu dou-lo!

Foi-lo buscar, ele tornou-o a levar e a rapariga ficou a ver.

- Oh paizinhe, eu já veije, estes erem os meus olhinhes, já 'stou tal e qual come 'stava!

Apois o filhe do rei leu a sentença de morte ó rapaz. Ditou ao jornal:

- Tal dia, fulane assim, assim, vai morrer porque faltou à promessa qu'me prometeu.

Mas ela num contou ó p'scador qu'o irmão andava no barque, nim isse, num contou nada! Quande óviu ler o nome do irmão, dixe assim pó p'scador:

- Oh paizinhe, eu tamém gostava d'lá ir ver matar esse rapaz! Qu'era pó inforcarem - porqu'intigamente dixe qu'havia ma forca, faziem assim um lace, punhem l'um banque pro baixe, metiem l'a cabeça, tiravem o banque e a foce cortava-l'o pescoce às p'ssoas qu'ficavem pindurades - eu tamém qu'ria ir ver isse!

- Oh filha eu leve-te lá.

Assim foi. O rei pôs-se a fazer o descurse, a explicar porqu'é qu'ele ia ser morte, porque le faltou

às proméssas qu'le prometeu, porque le prometeu a irmã e faltou co' ela e agora sou obrigade a casar com quem num goste e por isse ele vai ser morte.

E quando o levavam pra ir pá forca, dixe pó p'scador:

- Deixe-me quê já num posse mais! Fugiu do pé do p'scador e foi d'rête ó filhe do rei e dixe:

- Com que d'rête você vai matar esse rapaz?

- Vai ser morte porque m' faltou às promessas qu'me prometeu!

- Ele num teve culpa, a irmã dele sou eu, o senhor vá ver o retrate qu'stá no barque e olhe pra mim e veja se sou eu ou num sou eu! Foi a criada que nós lá temos, ca inveja qu' ficou, tirou-me os olhes e meteu-me num caixote e ditou-me pó mar; e este homenzinhe é qu'm' apanhou , e apois lá le contou com'é que foi e num foi...

Ele atão olhou pra ela e dixe:

- Realmente é você mesma!

A forca qu'haviem de dar ó rapaz, enforcarem essa filha dessa criada qu'era pa casar cum ele e ele apois casou lá, atão ca rapariga e inda hoje lá'stão a viver todes, co p'scador e todes.

O leão, o lobo, a águia e a formiga

Era uma vez um rapaz, viviem munte povres, e dixe pós pais qu'ia ver s'incontrava um patrão pa trabalhar. Quando ía no caminhe, encontrou um leão, um lobe, ma formiga, ma Águeda, de roda dum boi pa d'vedrem o boi. E o boi eles num erem capaz do d'vedir. Dixerem-le assim:

- Inda bem rapaz qu' tu vens lá, ha-des-nos fazer um favor!

- Atão o qu'é qu' vocês querem?

- Temos aqui este boi pa d'vedir e num semes capazes! A ver se tu nos-o d'vedes.

Apois ele cortou a cabeça ó boi e dixe pá formiga:

- Olha formiga, esta é pra ti, tens mioles pra c'mer e tens casa pra viver.

As tripas deu-as à águeda por num ter dentes. O reste do corpe do boi, deu ó leão e deu ó lobe e foi-se imhora. Diz ele:

- Desta já m'eu safei, pensava que m'iem c'mer, mas num me c'merem.

Ó fim do rapaz abalar diz assim o lobe:

- Nós é que semes cá d'ma manera, nim fomos capaz d' pagar o trabalho ó rapaz!

- Inde-o lá chamar qu'ele há-de levar 'ma lembrança nossa!

O leão diz ele:

- Eu vou lá mai d'pressa, qu'eu corre mai do que tu!

C'meça a correr d'ma briga e foi agarrar o rapaz já lá munte longe.

Pensou ele:

- Olha, agora já c'merem o boi, agora querem-me c'mer a mim.

- Oh rapaz anda cá qu' nós qu'remos-te ma cosa, volta cá atrás. Ele voltou.

- Oh rapaz, atão nós num te pagarames o teu travalhe!

- Atão o qué qu' vocês m'ha-dem dar?

- Olha, diz o leão, dou-te um cabele dos meus, quande te vires atacade dizes assim: " Ai de mim homem, ai de mim leão " ; tu fazes-te um leão, já te defendes.

Diz o lobe:

- Toma tamém um cabele dos meus, quande te vires atacade dizes: " Ai de mim homem, ai de mim lobe"; tu fazes-te lobe, já num tens mede.

Dixe a águeda:

- Toma 'ma pena das minhas, quande te vires afrontade c'os da terra diz assim: " Ai de mim homem, ai de mim águeda " ; tu c'meças à 'voar, já ninguém t'apanha.

Diz a fromiga:

- Atão o qué que t'ide dar? Só sende qu'te deia ma perinha das minhas e fique sem ela! Arrancou ma perna e deu-la.

- Olha, quande te vires afrontade, diz assim: " Ai de mim homem, ai de mim fromiga"; metes-te num b'raquinhe, já ninguém te vei. E ele lá abalou.

Viu 'star lá ma casa toda 'luminada, um palácie munte bonite c'as portas tude aberte, era um encante que lá 'stava, mas ele num sabia!

Chamou à porta, só sentiu 'ma voz:

- Entra...!

Entrou, num viu ninguém.

- Senta-te à mesa, que 'stá a mesa co c'mer de cima! Ma mesa cum tude o qué ric' e bom. Ó fim de c'mer sentiu ma voz:

- Vai-te ditar!

Foi-se ditar.

Ó otre dia sentiu ma voz:

- Levanta-te!

L'vantou-se.

- Vai tomar banhe e vai ó guarda-fat's e tira um fate e veste-te em manera, que tu num andas em estade d'assim andares!

Tomou banhe, vestiu um fate dos ric's e bons.

- Agora vai c'mer que 'stá o c'mer na mesa! Foi c'mer.

- Agora vai a loja que 'stá lá um cavale, vai passear! Montou-se no cavale, foi passear, andou por lá o tempe que quis, voltou, tornou a óvir a voz a d'zer que pusesse o cavale no mesmo site, mandou-o subir pa c'mer...

Andou ali o rapaz munte tempe naquile e à noite, quand'ele ía-se ditar, ía-se ditar ma rapariga ó lade dele; munte fria, munte fria, munte fria. Ele dezia assim:

- Atão eu num a ide ver? eu tenhe d'a ver!

Andou ali mai dum mês ó dois, assim naquile. Foi assim:

- Tenhe d'a ver!

Arranjou forfes, um dia quande assim já 'stava na cama, abriu um forfe pá ver, dixe qu'era a cara mai linda do munde. Ela deu um berre e dixe:

- Ó malvade, desaparece-me que já me dobraste o meu encanto!

Ele começou a fugir, inda vinha longe inda sentia os berres qu'aquile lá dava em casa.

Por sorte, dixe que se fazia leão, lobe e pro e fora, foi ter a otra terra. Viu 'star uma menina munte bonita num terrace mais um homem. E ele dixe:

- Ai de mim homem ai de mim águeda! Foi pousar de cima do terrace. Lá a menina começou:

- Oh papá, agarre-me este passarinhe, ai um passarinhe tão linde, agarre-mo!

O pai agarrou-o.

- Ai ponha-mo numa gaiola, quere-o no meu quarte, aí é que s'ela chapou, eu quere-o no meu quarte!

O pai todas as vontadinhas fazia à filha, e aquele homem tamém 'stava encantado, era pa viver toda a vida, tamém tinha um palácie e tude.

Pa noite adiante ele d'zia:

- Ai de mim águeda, ai de mim fromiga! saía da gaiola pra fora.

Depois dezia:

- Ai de mim fromiga, ai de mim homem e ía-se ditar a pé da rapariga. A rapariga quande via um homem ó pé dela começava ós grites, pó pai l'acudir que tinha um homem ó pé dela.

Ele, quande o pai s'alvantava pa ir ó pé da filha, d'zia:

- Ai de mim homem ai de mim fromiga, tornava-se a pôr na gaiola, ai de mim fromiga ai de mim águeda e lá ficava.

O pai vinha, o quarte fechade! olhava pá gaiola, via lá o passarinhe igual. Assim:

- Tu andas cum dodices da cabeça, se m'cá fazes vir mai vezes, eu mate-te! qu'eu num 'stou pa t'aturar as tu's dodices.

Coitada da rapariga!

O pai abalou, ele tornô-se a fazer de fromiga, apois tornô-se a fazer d'homem e tornô-se a ditar ó pé dela. Ela já num pôde gritar, o pai dixeu qu'a matava! E quande ele le dixeu:

- Tu num grites, eu sou o passarinhe qu'stá na gaiola. E contou-le assim a vida dele. Apois ela atão já num gritava. Foi assim:

- Atão mas olha lá, o tê pai parece qu'é já tão velhinhe!

Diz ela:

- O mê pai nunca morre, o mê pai 'stá incantade!

- Olha, mas tu tiras-o e praguntas-lhe com'é qu'é o incante dele qu'ê sou capaz de conseguir d'sincantá-lo e matá-lo.

Ela atão assim foi, outre dia...

- Oh paizinhe, traga-me o meu passarinhe aqui pó terrace, pó sol. Ele levou-o!

- Oh paizinhe, com'é qu'é o seu incante?

- Não te digue porque tu apois matas-me!

- Oh paizinhe atão eu é qu'era capaz do matar! Nunca se meta essa da cabeça!

Ele disse:

- Im tal fazenda 'stá lá um porque d'ispinhes - porqu'os pastores iem pra lá, aquele porque saía d'lá e c'mia as cabras todas - 'stá lá um porque d'ispinhes, dentre do porque d'ispinhes ... 'stá um coelhe, matem o coelhe, 'stá ma pomba e dentre dessa pomba 'stá um ove e quem m'der co' ove

na cabeça é qu'me mata. Quem num cons'guir fazer isse, eu nunca morro!

Ela à noite foi pó quarte, ele tornô-se lá ir a m'ter ó pé dela, e ela 'steve l'a contar com'é qu'era o incante do pai. Foi assim:

- Eu sou capaz do matar!

- Tu levas-me ma garrafa de vinhe e levas-me 'ma poia triga; quand'eu ta pedir tu dás-ma!

Ele fez-se d'homem e saiu pá rua.

- Oh paizinhe, ponha-me o passarinhe, assim aqui a brincar qu'ele agora já nos c'nhece, já num foge!

- Olha qu'apois foge!

- Num foge não paizinhe!

O pássare fugiu, mas apois fez-se d'homem e bateu à porta a praguntar s'le dava tralhalhe. E ele dixeu:

- Olha, pro case precisava, queres ir-me gordar um rebanhe? E ele disse que sim, que qu'ria. Foi-le ensinar as fazendas, mas olha...:

- Ai, há aqui 'ma ervinha tão boa, 'ma ervinha verdinha!

- Mas olha, prá qui num venhas qu'stá cá um porque d'ispinhes que nos come as cabras todas.

- Ai eu num venhe!

Agarrou à noite, meteu o gade pá loja e tornou-se a fazer de pássare e tornou lá ir ter ó terrace e agarrarem-no e tornarem a metê-lo na gaiola. Com'inou atão co'ela:

- Amanhã, quande eu vou pra lá co gade, tu levas-me a poia triga e levas-m'a garrafa de vinhe e eu face-m'em leão e vou lutar co porque d'ispinhes; quand'eu 'stever cansade eu pece-te isse e tu dás-me!

Assim foi, ele foi co gade e quande o gade s'ia aproximar, sai d'lá o porque d'ispinhes debaixo d'ma cova e ele dixeu:

- Ai de mim homem ai de mim leão! C'meça a lutar co ele, o porque d'ispinhes já 'stava embaçade! Ele dixeu:

- Se cá agarrasse ma poia triga e uma garrafa de vinhe e o beije d'ma donzela, ó porque d'ispinhes, eu até já t'matava!

Ela atão, deu-le atão o trigue, deu-le a garrafa do vinhe e deu-le o beije. Tornou-se a ditar ó porque d'ispinhes... quer dezer, o pai adoeceu logue. O pai desde qu'adoeceu, tapou logue a cabeça co lançol. A filha a falar-le era só:

- Oh pai d'stape a cabeça!

- Oh malvada qu'me foste falsa, oh malvada qu'tu fostes-me falsa, maldita hora qu'eu te contei a m'nha vida!

- Oh paizinhe atão eu é qu'le face mal? atão eu é qu'le fiz assim, eu é qu'le fiz assade?

- F'zeste!

Agarrou ó otre dia tornou pra lá ir o pastor, tornou-le a dezer:

- Tornas a levar otra poia de trigue, levas-m'a garrafa de vinhe e vás lá.

Até qu'matou o porque d'ispinhes. Matou o porque d'ispinhes, 'steve-o à abrir, 'steve-o `a abrir, sai d'lá um coelhe a fugir dele pra fora. Ele dixeu: ai de mim homem ai de mim lobe, os lobes dixeu que correm munte, agarrou o coelhe; agarrou o coelhe, quande 'stava à abrir o coelhe sai a pomba, quande sai a pomba diz ele:

- Com'é qu'agora vou... ai de mim homem ai de mim águeda, pôs-se d'águeda, voou atrás da pomba, agarrou a pomba; agarrou a pomba, matou a pomba. 'Stava à abrir a pomba, sai o ove dela pra fora, era assim numa ladêra, e ia ó um rie pra baixe e o ove c'meça à rebolar pa ladêra abaixe e já quand'ia a quaije a cair pá r'bêra dixeu:

- Ai de mim homem ai de mim lobe. Ditô-le as unhas e sigurou o ove.

O homem nunca mai falou, o qu' stava incantade, nunca disse mai nada!

A filha d'zia:

- Oh pai tire o lançol da cabeça!

- Não malvada qu'eu num t'posse ver, tu fostes ma falsa pra mim!

- Oh pai, vocemessê tem de c'mer, mai frite mai c'zide!

- Já te disse, eu num te quere ver!

Apois ele intragou-le o ove, se calha a dixar ir o ove pá águeda, o homenzinhe f'cava ali toda a vida a penar e nunca morria!

- Oh paizinhe, destape a cabeça, qu'eu quere-le ver a cabeça!

- Não!

- Oh paizinhe, atão eu é qu'le fazia mal, eu 'stou aqui sempre ó pé do paizinhe, eu é qu'le fiz mal?

Lá o convenceu, ele lá d'stapou a cabeça. Deu-le atão co ove na testa, o homem morreu; morreu, eles casarem-se e inda hoje lá 'stão no palácie os dois.

O pífaro encantado

Era ma vez um rapaz qu'andava no p'nhal a guardar o gade, passou lá a Nossa S'nhora o San José e o M'nine Jasus. Depois disse-l'assim:

- Oh rapazinhe, faz-m'um favor, levo o meu m'nine tão cheiinho de fome, vende-m'lá um pinguinhe de leite!

- Oh m'nha s'nhora eu num lo vende qu'eu dou-lo! e eu enche-l' até a barriga a todes!

Encheu-l'a barriga de leite.

- Diz-l'a Nossa S'nhora, mas ele num sabia qu'era a Nossa S'nhora.

- Atão olha lá rapaz, quante é que t'hei-de dar po leite qu'nos vindestes?

- Já le disse, eu num lo vindi qu'lo dou!

- Atão nesta hora pede-me tude o que qu'zeres, qu'eu to darei!

- S'a s'nhra tem esse poder, faça com qu'o meu pífare faça dançar tude. Olha o qu'ele havia de p'dir!

Nossa S'nhora abalou. Quande abalou, c'meça a tocar o pífare, c'mecem as cabras a dançar, erem paus, erem pedras, tude dançava. Depois diz ele:

- Anda qu' já vos arranjei!

Passou lá um homem c'ma carga de púcares.

- Oh homenzinhe, deia-me lá um púcare pa ordenhar o leite!

- Num qu'rias mai nada, não, qu'eu te desse um púcare!

- Ai num dá?

- Pois num dou não!

Começou a tocar o pífare, o burre c'meça a dançar, os púcares c'mecem a dançar e o homem a dançar na frente do burre. Escavacou tude! Lá abalou o homem.

- Vou dar parte de ti ó tribunal!

Mai tarde passou ma mulher c'ma cesta d'oves.

- Oh mulherzinha deia-me lá um ove!

- Qu'rias mai nada, até eu andava à acartar oves mesmo pa t'os dar.

- Num mos dá?

- Não!

C'meça a tocar o pífare, ele c'meça a dançar c'os oves à cabeça, c'mecem os oves tude ós saltés. Escavacou tude.

- Ai toma lá um ove, qu'eu dou-te um ove!

- Num quere já o seu ove, escavacou tude!

- Vou dar parte de ti ó tribunal!

- Vá im qu'rende!

As cabras num c'miam, a vida delas era só dançar. O patrão disse-l'assim:

- Mas o qu'é qu'tu m'andas a fazer às cabras, qu'andavam tão gordas e agora andem tão magras?

- Oh, num tenhe culpa, elas num comem, num lo posse meter p'la boca abaixo!

Tinha lá um irmão padre, disse pó irmão:

- Deixa lá qu'eu 'id' ir guardá-lo qu'ide ver o qu'ele faz às cabras.

Quande ele saíu co rebanhe das cabras, o padre foi assim sarrote e d'trás, d'trás, d'trás, viu p'onde ele foi e escondeu-se lá d'trás d'mas silvas.

Ele c'meça a tocar o pífare, ora se fosse otre dixava promere encher a barriga às cabras apois é qu'tocava o pífare, tamém era de matar tude. Mas não, achava-le graça ver as cabras a dançar e tude. C'meça a tocar o pífare, as cabras c'mecem a dançar e o padre c'meça a dançar do meie das silvas, esfarrapou-se tode. O padre foi obrigado a falar:

- Para-me o pífare, para-me o pífare qu'tu matas-me!

- Quem é qu'o pra lá mandou ir? Eu num o mandei pra lá ir!

Mas bem, lá parou o pífare e ele saíu de lá pra fora. Foi pra casa tode esganhade, tode esfarrapade.

Chegou a casa, dixe pró irmão:

- Já sei o qu'é qu'o teu criade faz às cabras.

- Atão o qu'é qu'ele faz?

- Eu num sei onde é qu'ele foi desc'brir aquele pífare, c'meça a tocar o pífare, as cabras num comem, é só dançar: dança paus, dança pedras... olha com'eu venhe. Tava no meie das silvas a guardá-lo, olha esfarrapei-me lá tode a dançar no meie das silvas.

- Atão porqu'é que tu dançaste?

- Semos obrigades a dançar!

D'pois o homem foi chamade a tribunal e ele foi e levou o pífare no bolse.

Diss'assim o juiz:

- O qu'é qu'você fez a este senhor? O senhor tem aqui 'ma part'cipação conforme escavacou 'ma carga de púcares a este senhor.

- É mintira senhor dôtor juiz, eu num escavaquei púcare nenhum!

- Atão o qu'é qu'o senhor le fez? 'stá aqui ma senhora, dixeu qu'tamém l'escavacou ma cesta d'oves!

- É mintira, tamém num l'escavaquei oves nenhuns!

E eles que sim e ele que não.

- Sabe senhor dôtor juiz, eu tenhe cá um pífare, quand'eu toque o pífare, tude dança. Eu pedi-le um púcare, ele num mo quis dar e eu comecei a tocar o pífare; pus-me na m'nha vida, qu'seguisse o caminhe dele qu'eu num o mandei parar a dançar!

- Atão e esta m'lherzinha dos oves?

- Foi da mesma, pedi-le um ove, num mo quis dar e eu pus-me a tocar o pífare de roda das m'nhas cabras e ela começou a dançar e escavacou os oves todes.

- Ai, eu gostava de ver esse pífare!

- Ai eu trague-o aqui no bolse!

- Atão toque-o lá!

Começa a tocar, o dôtor conforme 'stava assim ca s'cretária na frente dele c'meça a dançar e a bater c'os queixes na s'cretária. Os papéis, as canetas, tude, ali era um rebuzilhe desgraçade, o dôtor juiz já tinha os queixes tude escavacade...

- Pare-m'o pífare, pare-m'o pífare!

Ele atão inda mai tocou, encheu-le a barriga, era caderas, tude ali, tude dançou.

- Vá-se imhora e num me bolte cá mais, qu'eu nunca mais o cá quere ver.

Lá foi pra casa e o problema foi resolvide.

Bicho estranho

O diabo ajuntou-se com um sábio e disse:

- Eu sou capaz de d'ferenciar todas as espécies de animais.

O sábio d'zia que tinha lá um animal qu'ele não era capaz d'o conhecer. Foi-lhe buscar a mulher toda nua e deitou-lhe o cabelo para a frente da cara, pondo-a de cócoras.

O diabo olha para ela e não era capaz de dizer nada. Até que disse:

- Que raio de bicho és tu, tens pelos na cabeça e bigode no olhe do cú?

O que diz a letra

Um padre estava a ler o jornal com letras bromelhas. Disse-lhe assim a c'madre:

- O compadre o qu'é que quere d'zer essas letras bromelhas?

- Querem d'zer qu'a c'madre esta noite vem dormir c'migue.

Ela chegou a casa e disse pró homem:

- Sabes homem, arranja-te cá conforme puderes qu'eu hoje tenhe qu'ir dormir co compadre. E o homem disse-lhe:

- Hum! Hum!

- Nem fun fun nem funfeta, hei-de fazer o qu'manda a letra.

Figo no cú

Ó minha mãe eu queria ir prá dança, mas ando-me sempre a cagar como é que eu heide ir prá dança?

- Olha filha, metes um figo no cú e já podes ir prá dança.

Quando andava a dançar o figo saltou.

A mãe andava em volta e dizia-le assim:

- Ó filha, o teu cú risona!

Mas ela viu apanhar o figo à mãe e metê-lo prá boca.

- Ó filha, o teu cú risona!

- Foi vomecê minha mãe que lhe comeu a tampona.

Bibliografia

HENRIQUES, F., GOUVEIA, J., CANINAS, J. (2001) - **Contos Populares e Lendas dos Cortelhões e Plingacheiros**, *Açafa*, 4, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

<http://dancasecantaesdopaul.com/tradicoes.htm>